

Do Desaparecimento Da Natureza Na Música Evangélica Brasileira¹

On Nature Disappearance
In Brazilian Evangelical Music

*Silas Luiz de Souza**

RESUMO

Na segunda metade do século XX começou uma mudança musical nas igrejas evangélicas brasileiras, envolvendo tanto o aspecto musical como a letra. A comparação das letras entre os hinos cantados pelos evangélicos anteriormente com as letras da nova musicalidade apontam para o abandono de temas tradicionais da fé cristã. Entre esses temas deixados de lado está um dos mais caros para a teologia que é a natureza como criação divina e espaço privilegiado da presença de Deus. Na natureza Deus se mostra poderoso e glorioso e isso diversos dos antigos hinos diziam. As novas canções tenderam a abandonar esse aspecto teológico.

PALAVRAS-CHAVE: Natureza na hinologia evangélica. Protestantismo brasileiro. Música evangélica.

ABSTRACT

In the second half of the twentieth century began a musical change in Brazilian evangelical churches, involving as the musical aspect as the letter. Comparison of lyrics between the hymns sung by evangelicals previously with the lines of the new musicality point to the abandonment of traditional themes of the Christian faith. Among these issues left aside is one of the most relevant to theology that is nature as God's creation and privileged place of God's presence. God shows himself powerful and glorious in nature and that many of the old hymns said. The new songs tended to abandon this theological aspect.

KEYWORDS: Nature in the evangelical hymnody. Brazilian Protestantism. Evangelical music.

¹ Recebido em 10/05/2015. Aprovado em 10/10/2015.

* Doutor em História pela Unesp, professor da Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo/SP. Email: silasluizdesouza@gmail.com.

Introdução

Criança criada frequentando uma igreja protestante das chamadas históricas, uma tradicional igreja de origem missionária, na periferia de uma grande cidade brasileira, aprendi muitos dos antigos hinos, mas também cresci naquela fase da entrada dos cânticos, chamados de coros ou corinhos, que eram fruto da revolução musical nas igrejas evangélicas norte-americanas, trazidos pelos instrumentos e pelas vozes dos missionários mais jovens. Era a época do início e afirmação de grupos como os *Vencedores por Cristo*, *Jovens da Verdade*, *Mocidade para Cristo* e outros, os quais, a partir da juventude evangélica, que, em tempos de Ditadura, pouco fazia além de cantar, introduziram mudanças musicais na liturgia das igrejas tradicionais.

Carlos Alberto Rodrigues Alves, outrora, pastor presbiteriano, hoje, pastor anglicano, em palestra apresentada no evento do CEBEP – *Centro Evangélico brasileiro de estudos pastorais*, publicada na revista *Reflexões no Caminho*, afirmava, em 1997:

Naquele tempo foi o gênero “satisfação é ter a Cristo”², que diretamente vindo do movimento evangelical-alternativo dos Estados Unidos, impregnou a maior parte dos jovens com uma sensação de revolução na música evangélica contemporânea graças a um jeito novo de cantar o Evangelho (CEBEP, 1997, p. 8).

Uma coisa foi ficando cada vez mais clara: os hinos antigos caíam em grande desprestígio dando lugar aos novos cânticos que, pouco depois, deixariam o espaço para chamada *música gospel*. Os hinos antigos deixaram de ser cantados em muitas comunidades locais, mas mantiveram seu lugar em tantas outras, ao menos na liturgia do culto celebrado no domingo. Muitos pastores procuram mesclar antigos hinos com os cânticos contemporâneos e há pastores e comunidades que praticamente abandonaram as antigas canções em benefício das novas músicas, o que corresponde à maioria dos casos. Ao se deixarem de lado esses hinos, deixou-se uma parte da teologia que, outrora, estava expressa na hinologia.

Alguns dos hinos mais cantados, presentes nas denominações evangélicas brasileiras, mormente as do grupo chamado protestantismo histórico, falavam justamente da natureza, obra da mão divina, espaço privilegiado de demonstração do poder e da glória divinos. Os cânticos dos anos seguintes foram abandonando esse e outros aspectos da grade teológica da fé cristã tradicional. Isso é sinal de que o protestantismo deixou também de se interessar por um tema muito presente nas sociedades atuais, sendo discutido até em altas esferas da política mundial.

No século passado as questões ecológicas entraram na pauta de governos e de organismos internacionais. A cidade do Rio de Janeiro foi palco da grande reunião mundial para questões ecológicas em 1992. Nessa convenção, estabeleceu-se o conceito de

² Referência a um cântico muito comum naqueles anos, que será citado abaixo.

desenvolvimento sustentável e a *Convenção sobre diversidade biológica*, a ser assinada pelos países. Essa reunião em solo brasileiro foi precedida pela primeira convenção do gênero realizada vinte anos antes, em Estocolmo. Nesse mesmo ano de 1972, o *Massachusetts Institute of Technology*, um dos mais importantes centros de pesquisa e de conhecimento do mundo, liderou a elaboração do texto *Os limites do crescimento*, que fora encomendado pelo grupo criado em 1968, chamado *Clube de Roma*, que congregava intelectuais dispostos a discutir esses temas. Há uma grande preocupação em direção ao cuidado que o planeta deve merecer, que se demonstra pelos poucos, mas relevantes dados apresentados. Como justificar que os fiéis de tantas igrejas não cantem mais os temas que falam da natureza, da terra que Deus criou? O que provocou tal mudança? A razão dessa mudança deve ser buscada em fatores endógenos ou exógenos? Procurar responder a essas questões é tentar trazer maior entendimento do campo religioso brasileiro, lembrando o pertinente conceito de Pierre Bourdieu, especialmente do protestantismo e, ao mesmo tempo, conhecer melhor a própria sociedade na qual o grupo religioso se insere.

○ tema da natureza na teologia cristã

A natureza está presente na teologia cristã desde suas primeiras formulações. Não poderia ser diferente, já que os primeiros capítulos do texto sagrado dos cristãos apresentam um Deus que não só é Todo Poderoso, mas também o Criador de tudo. Dirão os catecismos, tudo é obra da palavra e do sopro divinos. Orígenes, por exemplo, explicava que o mundo só poderia ter sido feito por uma causa inteligente. Influenciado pelo platonismo, o que não é novidade nos primeiros teólogos cristãos, imaginava Deus como aquele que tem eterna e permanentemente o universo em sua própria mente. Além disso, também promovia o ensino de que toda a criação seria restaurada no projeto salvador de Deus em Jesus Cristo. Tomás de Aquino, já na Idade Média, propôs uma argumentação para provar a existência divina totalmente baseada na criação. São as cinco vias pelas quais o ser humano, dotado de inteligência e razão dadas por Deus, pode compreender e explicar a existência de Deus a partir da natureza. Não é o caso de estender-se sobre isso, mas apenas exemplificar que o tema aparece desde cedo. Desde o judaísmo, os textos bíblicos ajudaram a pensar em uma natureza que, criada por Deus, não se confundia com ele como em outras religiões. O cristianismo tem um Deus transcendente e criador, manifesto na beleza e exuberância, glorificado pelo que fez. Deus é imanente, não, porém, como parte da criação ou aprisionado pela natureza. É imanente apenas nesse sentido de se fazer presente na sua obra com glória e poder. João Calvino, o reformador francês, ecoando todo o antigo ensino da tradição cristã sobre o tema afirma que Deus “imprimiu, em cada uma de suas obras, certas marcas de sua glória, e tão claras e insígnias que está excluída qualquer desculpa de ignorância aos incultos e aos rudes” [CALVINO, 2008, p. 51]

○ tema da natureza nos cultos das mais diversas culturas tem sido alvo de muitos estudos. Lembrando a contribuição de um estudioso como Mircea Eliade, cujos textos já se tornaram clássicos nos estudos da religião, trazemos luz ao entendimento dessa questão. O intelectual romeno afirma que “para o homem religioso, a Natureza nunca é exclusivamente ‘natural’: está sempre carregada de um valor religioso [...] pois o Cosmos é uma criação divina” (ELIADE, 1992, p. 99). Certamente, não são todos os membros de uma sociedade, especialmente ao se considerar as sociedades contemporâneas, que percebem a natureza deste modo. O notável historiador das religiões alude ao tema da dessacralização lembrando que “a experiência de uma Natureza radicalmente dessacralizada é uma descoberta recente, acessível apenas a uma minoria das sociedades modernas, sobretudo aos homens de ciência” (ELIADE, 1992, p. 126).

Mesmo com o processo de dessacralização, a natureza será vista por parte dos seres humanos como local privilegiado da presença do sagrado. Quando Berger analisa o processo de secularização pelo qual passou o mundo ocidental moderno, define o termo como “o processo pelo qual *setores* da sociedade e da cultura são subtraídos à dominação das instituições e símbolos religiosos” (destaque nosso) (BERGER, 1985, p. 119). Assim, por mais que a religião deixe de ser fundamental em muitas áreas das atividades humanas, ainda haverá o “homem religioso” nessa sociedade. Eliade procura demonstrar que a sacralidade da natureza é universal e, embora o cristianismo tenha deixado de ver a natureza como a viam as religiões mais antigas, permanecia o significado anterior: “A revelação trazida pela fé não destruiu os significados pré-cristãos dos símbolos: apenas adicionou-lhes um valor novo” (ELIADE, 1992, p. 115). É verdade que Berger (1985) demonstrou como o processo de secularização é iniciado no Antigo Testamento e como o protestantismo foi incontestável para o seu curso. Contudo, isso não elimina a realidade de que continua a haver o ser humano religioso para o qual a natureza é, em alguma medida, sagrada, seja como divindade propriamente dita ou como local da presença de um Deus que não se confundindo com o que criou, serve-se da criação para mostrar seu poder e glória, que seria o caso da teologia protestante. Com isso, queremos demonstrar que os antigos hinários traziam hinos com letras específicas nesse sentido da natureza, pois o ser humano religioso, mesmo em uma sociedade dessacralizada, continua a ver o sagrado na natureza, que é divina. No entanto, com a mudança musical ocorrida o tema da natureza, como criação divina ou da natureza, como espaço privilegiado da presença do sagrado, tem sido deixado de lado.

○ tema da natureza permanece presente na reflexão teológica, mesmo dos movimentos mais conservadores, afinal, o Deus dos cristãos é o criador de todas as coisas. Qualquer manual de teologia, por mais simples que seja, há de abordar a natureza como criação divina. Um importante movimento teológico ocorreu entre os protestantes latino-americanos, a partir do início dos anos 1970, o movimento da *Missão Integral*, inserido no contexto mundial do chamado *evangelicalismo*. Surgiu, nesse contexto, a FTL, Fraternidade Teológica Latino-Americana, que publica, desde 1983, um *Boletim Teológico*, caracterizado

por ser aprofundar discussões dessa parte do protestantismo da América Latina.³ Já no segundo número do *Boletim* aparece uma discussão sobre o tema em tela. Um dos mais importantes líderes do movimento, o luterano Valdir Steuernagel (1984, p. 8), escreve o artigo “A criação: agenda atual” e, a seguir, diz: “Calvino diz magnificamente que o mundo foi criado para ser *‘theatrum gloriae dei’*: o palco no qual Deus se manifesta, no qual quer ser reconhecido e adorado. E ainda mais: que o mundo participe da sua glória e testemunhe da sua grandeza” (STEUERNAGEL, 1984, p. 17). Esse é apenas um exemplo de reflexão teológica que, no entanto, manteve-se distante da produção hinódica e litúrgica desse tempo na maioria das igrejas brasileiras.

A hinologia protestante no Brasil e o tema da natureza

Antônio Gouvêa Mendonça (1984, p. 235) lembra a origem avivalista e missionária dos hinos da primeira coletânea de hinos do Brasil, o *Salmos e Hinos*, trabalho de Sarah Kalley no final do século XIX, reeditado, reformado e atualizado várias vezes, durante o século XX e reaproveitado no *Hinário Evangélico*, empreendimento da CEB, Confederação Evangélica do Brasil. Mendonça avança na análise propondo uma tipologia do protestantismo brasileiro a partir dos temas dos hinos coletados. Chega, então, a conhecida tipologia: protestantismo pietista; protestantismo peregrino; protestantismo guerreiro e protestantismo milenarista. O tipo *pietista* é individualista, emocional, contemplativo da cruz. O peregrino fala de um mundo efêmero, no qual o crente está apenas de passagem. O protestantismo guerreiro luta contra as forças do mal sob o comando do chefe Jesus. O milenarista espera uma invasão espetacular divina, acabando com a dor e estabelecendo o Novo Reino, carregado da teologia pré-milenarista, que encontra espaço no messianismo brasileiro (MENDONÇA, 1984, p. 235 – 253). Essa tipologia ainda serve para interpretar, os novos *cânticos espirituais*, como costumam ser chamados. No quadro em que Mendonça faz a divisão dos hinos por temas há dois tipos: gerais da fé cristã e cristológicos. É na classificação dos hinos gerais da fé cristã que encontramos o tipo de hino que merece a atenção no presente artigo.

O livro *O cântico da vida*, de Simei de Barros Monteiro (1991, p. 37-42), faz uma análise dos hinos dos hinários protestantes no Brasil a partir de uma abordagem diferente da tipologia proposta por Mendonça. A autora propõe-se a estudar os hinos sob três perspectivas: conservadora, que é pautada pela afirmação dogmática da fé, experimentada espiritualmente por cada crente; renovadora, que enfatiza a experiência cristã como religião do coração, a partir do espectro avivalista, mas que transborda para apontar o

³O movimento evangélico surge, de modo geral, no anglicanismo e seu líder mais expressivo no século XX foi John Stott. Em 1974, foi realizado seu mais importante evento, o Congresso de Lausanne. Procura combinar as doutrinas básicas do cristianismo com preocupação social. Na América Latina nomes como Samuel Escobar, René Padilha e Robinson Cavalcanti desenvolveram essas ideias no que ficou conhecido como *Missão Integral*.

Salvador como o Senhor de toda a humanidade; libertadora, posição que não separa a vida material e religiosidade, enfatizando o Reino de Deus, pois é a hinódia presente no movimento ecumênico e na Teologia da Libertação.

Monteiro parte do Credo Apostólico para a análise, vista a importância das proposições credais para a liturgia cristã desde a Antiguidade. A segunda afirmação do credo é “criador do céu e da terra”, na qual estão os hinos em tela. Sob a perspectiva conservadora, a criação é algo do passado e “a natureza que aparece nesses cânticos não foi tocada pelo pecado: é bela e pura” (MONTEIRO, 1991, p. 60). Essa natureza, porém, é vista pelo crente como espaço passageiro, “é lugar estranho onde o verdadeiro cristão não pode sentir-se em casa” (MONTEIRO, 1991, p. 62), por isso, espera ir logo para o céu. Aqui temos um paralelo com a tipologia do protestantismo peregrino proposta por Mendonça. Na perspectiva renovadora, não há muita diferença da anterior, no entanto, Deus é mais presente na natureza e o céu pode ser desfrutado aqui. “A vida pode ser plena e feliz. Já não há o desejo da morte e a negação da vida [...] fala-se da terra, do trabalho da terra, dos frutos da terra, das bênçãos de Deus sobre a colheita e a vida social” (MONTEIRO, 1991, p. 65, 66). A perspectiva libertadora tem um Deus criador que zela, mas “também apresenta o resultado do pecado humano” (MONTEIRO, 1991, p. 67). A terra “é o cenário da vida [...] é a morada, a casa do ser humano, da família humana, onde a história acontece [...] os cânticos de adoração ao Deus criador, doador da vida na terra, buscam expressar a dimensão primeira, a utopia da terra-sem-males” (MONTEIRO, 1991, p. 69).

A importância da teologia cantada não pode ser menosprezada. Em um livro sobre a história do hinário *Salmos e Hinos*, o autor do último capítulo, como um posfácio da consagrada musicista Henriqueta Braga, assim se expressa: “A Bíblia e o hinário são, muito mais do que se imagina a única literatura, fonte de ensino, de que muitos crentes dispõem. Bebem suas palavras, suas frases, como fontes de vida, de educação” (BRAGA, 1983, p. 74). É uma visão pastoral de Manoel da Silveira Porto Filho, ilustre pastor congregacional, poeta e escritor, profundamente interessado pela música na igreja, como era visto por seus pares e pelos membros da denominação.

O hinário *Salmos e Hinos* foi produzido no Brasil pelo esforço do médico e missionário Robert Kalley e de sua esposa Sarah Poulton Kalley, que traduziram as letras do inglês para colocar os hinos em uso no Brasil, além de compor alguns deles também. A primeira publicação dessa coletânea deu-se em 1861 (BRAGA, 1983, p. 19; MONTEIRO, 1991, p. 28). Cardoso afirma ter havido uma edição anterior, possivelmente menor, impressa em Londres (CARDOSO, 2005, p. 21). Nas duas décadas seguintes, ocorreram mais seis edições, o que dá o valor da obra ao considerarmos o protestantismo incipiente existente no país naquele período. Além disso, no século XX, ocorreram outras edições, revisadas, sendo a última, em 1966, com doze tiragens, além da publicação de edições específicas com as partituras (BRAGA, 1983, p. 77–78).

Hahn historia o culto protestante no Brasil e afirma que o *Salmos e Hinos* “até a metade do século XX permaneceu o mais popular e largamente usado por todas as várias denominações no Brasil” (HAHN, 1989, p. 150). Mendonça também enfatiza esse hinário quando diz que “A história do aparato litúrgico no Brasil gira, essencialmente, em torno dos *Salmos e Hinos*. Esse hinário, além de atravessar várias décadas como o único hinário dos protestantes brasileiros, serviu de base para os que surgiram depois” (MENDONÇA, 2002, p. 190). Daí a importância de usarmos esse hinário como referência. Cardoso apresenta uma tabela estatística da distribuição dos assuntos dos hinos da coleção nas primeiras edições. No tema “Deus”, que perfaz pouco mais de 4% dos hinos, há apenas um que trata especificamente de Deus como criador. Porém, há mais de 11% dos hinos que são baseados nos salmos bíblicos na primeira edição (CARDOSO, 2005, p. 62), entre os quais, os salmos que falam de Deus como criador. Nas edições posteriores, há variação dessa porcentagem, com aumento de hinos sobre a criação.

A Confederação Evangélica do Brasil desde sua criação, em 1934, fez um esforço para prover a igreja brasileira de um aparato litúrgico adequado e, como parte disso, organizar uma coletânea atualizada e adaptada aos crentes brasileiros. Nesse processo publicou o *Hinário Evangélico*, em 1945 (HAHN, p. 323; MENDONÇA, p. 199; MONTEIRO, 1991, p. 28). Como visto acima, grande parte dos hinos do antigo *Salmos e Hinos* seriam aproveitados no novo hinário, de modo que os hinos com o tema da natureza estarão repetidos no *Hinário Evangélico*, o qual também usaremos como referência.

Esses hinários são, portanto, fontes necessárias para uma comparação entre os cânticos de outrora e os cânticos mais recentes, surgidos com a renovação ou transformação dos anos sessenta do século passado no mundo protestante brasileiro. Passar pelos hinos desses hinários com o tema da natureza como criação divina, que estão entre os mais cantados pelos fiéis, é o que vai se fazer agora, sem deixar de considerar outros hinários como o *Hinário para o Culto Cristão*, usado pelos batistas, o *Cantai todos os povos*, da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil e *O Novo Canto da Terra*, editado por Jaci Maraschin, servindo aos grupos ecumênicos e o hinário *Nova Canção*, editado por CEBEP e CAVE, servindo tanto aos grupos evangélicos como aos ecumênicos.

A letra do hino a seguir é composição do século XVIII com mais de uma versão no Brasil, cantado com a melodia do que é hoje o hino nacional alemão, com música de Joseph Haydn, composta em 1797. Baseado no Salmo 19, deixa claro que Deus é nitidamente demonstrado na natureza. A primeira parte deste hino apresenta a natureza bela, pura, ainda não atingida pelo pecado, como diz Monteiro. A natureza, entretanto, não pode revelar todo o ensino e vontade divina, por isso, Deus deixou sua Palavra, a revelação especial escrita, como diz a última linha da segunda estrofe: “quão doce ensino vem da boca do Senhor”. Esta expressão vem precedida da adversativa “mas”. Este é um tema caro e claro tradicionalmente para os diversos ramos da teologia cristã, e muito forte

no protestantismo: Deus se apresenta na natureza, mas se apresenta de modo mais claro, objetivo e definitivo em Jesus Cristo e, por fim, na Palavra escrita, a Bíblia, que está à mão do crente.

Altamente os céus proclamam
Seu augusto Criador!
Anuncia o firmamento
Tuas obras, ó Senhor!
Incessantes, noite e dia,
Dão sinais do teu poder,
Sem palavras, proclamando
Deus excelso no saber!
Majestoso, o sol caminha
Pelos céus, com resplendor!
Exultando em seu percurso,
Enche o mundo de calor.
Toda a criação, que é Tua,
Canta, em coro, o Teu louvor!
Mas a nós quão doce ensino
Vem da boca do Senhor.
(SALMOS E HINOS, 6; HINÁRIO EVANGÉLICO,
138; CANTA! TODOS OS POVOS, 4)⁴

Uma outra versão, deixa mais claro a questão da revelação pela Escritura sagrada, alterando as quatro últimas linhas:

Tua Lei, mui preciosa,
brilha mais que a clara luz;
Esclarece nossas mentes,
guia as almas a Jesus.
(HINÁRIO PARA O CULTO CRISTÃO, 47)

No hino a seguir, a alma fiel é levada ao louvor e a entoar o hino de exaltação da grandeza do Deus criador quando contempla a maravilha de sua criação, o mundo exuberante e a amplidão do universo. A natureza, no entanto, tem uma função maior de fazer lembrar a ação de Jesus Cristo vindo ao mundo para salvar o ser humano. De qualquer modo, é a natureza que, esplendorosa, ajuda a encaminhar o ser humano à fé. Composição do sueco Carl Gustav Boberg, pastor luterano que viveu entre a segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX, impactado pelos avivamentos.⁵

Senhor, meu Deus, quando eu, maravilhado,
Contemplo a tua imensa criação,
A terra e o mar e o céu todo estrelado,
Me vêm falar da tua perfeição;
Então minha alma, canta, a Ti, Senhor:
Grandioso és tu, grandioso és tu!

⁴ Os hinos serão identificados pelos números de ordem com o qual são listados em cada hinário, exceto o Nova Canção, que não numera os hinos, sendo, então, identificados pela página.

⁵ Cf.. <<http://www.luteranos.com.br/>>.

*Então minha alma, canta, a Ti, Senhor:
Grandioso és tu, grandioso és tu!*
Quando as estrelas, tão de mim distantes,
Vejo a brilhar com vívido esplendor,
Relembro, ó Deus, as glórias cintilantes,
Que meu Jesus deixou, por meu amor.
(SALMOS E HINOS, 65; HINÁRIO PARA O CULTO CRISTÃO, 52; CANTA
TODOS OS POVOS, 94)

Outro hino muito conhecido, com o tema da natureza evocado, e como os demais presentes nos hinários usados para este breve estudo é transcrito a seguir. É verdade que na última estrofe há um chamamento conversionista, um desafio ao pecador para se juntar ao grande coro da natureza que “um hino ressoa ao Senhor”. Porém, três outras estrofes e o coro interpretam a natureza como local privilegiado de exaltação do Criador. Rochas, mares, matas, flores e aves são cantadas como manifestação da glória divina:

As grutas, as rochas imensas,
Dos mundos o grande esplendor,
Proclamam bem alto, constantes
Um hino ao teu Nome, Senhor!

*Nos céus e no mar e na terra,
Nos bosques, nos prados em flor,
No fragoso alcantil, na amplitude celeste,
Um hino ressoa ao Senhor!*

Nos céus, as estrelas brilhantes,
Dos mares o grande fragor,
E as brisas entoam, ridentes,
Um hino ao teu Nome, Senhor!
As aves alegres, na mata,
Por entre as ramagens em flor,
Exultam em coro, cantando
Um hino ao teu Nome, Senhor!
E tu, pecador que vagueias,
Que fazes ao teu Criador?
Não achas momento em que cantes
Um hino de glória ao Senhor!
(HINÁRIO EVANGÉLICO, 120)

O próximo, traduzido por um intelectual protestante de renome, um dos pioneiros da linguística da USP, Isaac Nicolau Salum, usa parte da nona sinfonia de Beethoven para a melodia, também mostra a natureza como um grande coro de celebração da glória divina:

Tuas obras te coroam
Como um halo de esplendor;
Astros, anjos, céus entoam
Hino eterno a ti, Senhor!
Campos, matas, vales, montes
Verde outeiro e verde mar,
Aves e sonoras fontes

Formam coro singular!
Nós, mortais, por ti remidos,
Deus de glória, Deus de amor,
Corações aos céus erguidos,
Celebramos teu louvor!
Revelaste amor profundo,
Insondável, sem igual,
Enviando Cristo ao mundo
A vencer por nós o mal!
Fonte és de alegria e vida,
És do bem o Inspirador;
Tua graça nos convida
A viver em mútuo amor.
Quais alegres peregrinos,
Sempre em marcha triunfal,
Cantaremos gratos hinos
Na jornada, até o final!
(SALMOS E HINOS, 70)

Por fim, um hino que convoca todas as criaturas para louvar daquele que é o motivo da existência. O hino abaixo é indicado como sendo de Francisco de Assis e traduzido de um Hinário Alemão, no Hinário para o Culto Cristão, número 224, da Convenção Batista Brasileira. O blog *Semeando Vida* traz a informação de que a letra é de “William Henry Draper, 1925 baseado no Cântico do Sol de Francisco de Assis, 1225”.⁶ De qualquer modo, o hino tem letra que lembra imediatamente o grande poema de Francisco *Cântico do Irmão Sol* ou *Cântico das Criaturas*, nem sempre lembrado pelos protestantes por se tratar de um santo do catolicismo.

Vós, criaturas de Deus Pai,
Todos erguei a voz, cantai!
Oh, louvai-o! Aleluia!
Tu, sol dourado a refulgir,
Tu, lua em prata a reluzir,
Oh, Louvai-o! Oh, Louvai-o!
Aleluia! Aleluia! Aleluia!
Oh, boa terra que nos dá
Infundas bênçãos, canta já!
Oh, louvai-o! Aleluia!
Frutos e flores, juntos dai
A glória a Deus, Senhor e Pai.
Oh, Louvai-o! Oh, Louvai-o!
Aleluia! Aleluia! Aleluia!
Vós, homens sábios e de bem,
A todos proclamai também!
Oh, louvai-o! Aleluia!
Louvor ao filho, glória ao pai,
E ao Santo Espírito louvai!
Oh, Louvai-o! Oh, Louvai-o!
Aleluia! Aleluia! Aleluia!
(SALMOS E HINOS,69; HINÁRIO EVANGÉLICO, 129)

⁶ <http://www.semeandovida.org/2011/08/hino-10-criacao-e-seu-criador_30.html> Acesso em 28/8/2015.

Um hino mais recente, composto em 1971 e vertido para o português em 1990, segundo as informações do Hinário, que informa também ser uma “melodia tradicional americana”, apresenta um aspecto teológico que difere do protestantismo calvinista original. Em vez de falar da criação como demonstração do poder e soberania divinos, o hino começa afirmando que a criação foi ato do amor de Deus pelo ser humano. Usa uma linguagem mais atualizada falando de “expansão universal”, encaixando-se na definição da “perspectiva renovadora” de Monteiro.

Deus, por amor, criou pra nós o planeta,
simples faísca na expansão universal.
Deu-lhe um propósito: servir de berço à vida,
para aos humanos ser um lar especial.
Demos louvor ao Senhor pela terra,
onde podemos nós viver e trabalhar.
Todos os povos poderão ter a fartura
só quando todos nós soubemos partilhar.
Ó Deus, nós agredimos a natureza,
solo, florestas, animais, o céu e o mar.
Dá-nos, ó Deus, o teu perdão, pois queremos
a tua criação amar e respeitar.
[HINÁRIO PARA O CULTO CRISTÃO, 55]

O hinário *O Novo Canto da Terra* é o maior e mais importante entre os que Simei Monteiro classifica como “perspectiva libertadora”. Há um conjunto de hinos sobre a natureza que são bem pouco cantados nas igrejas tradicionais, tendo mais penetração entre as igrejas participantes do movimento ecumênico, como é o caso do editor do hinário Jaci Maraschin⁷, anglicano, e da musicista, compositora e uma das mais importantes pesquisadoras da música no mundo protestante, Simei Monteiro, metodista. A composição de Maraschin e Décio Lauretti também aponta a criação do mundo como ato do amor divino, mundo prejudicado pelo pecado e que depende do serviço do crente para transformá-lo:

Senhor, o mundo que criaste tu nos deste
Como sinal do teu amor profundo e antigo,
E a terra inteira, o mar, e a imensidão celeste
Tu permitiste que explorássemos contigo.
Meu Deus, és bom, o vasto mundo é bom.
Mas no teu mundo se instalaram fome e guerra,
E os homens se esqueceram de teu Reino Santo;
Quiseram destruir com bombas toda a Terra
E nos fazer acreditar que tudo é pranto.
Mas tu és bom, e o mundo teu é bom.
Foi por amor do mundo que teu Filho amado
Morreu na cruz e ressurgiu vencendo a morte

⁷ O gaúcho Jaci Correa Maraschin nasceu em 1930 e morreu em 2009. Tive o privilégio de ser seu aluno no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da UMESp, nos anos 1990, fazendo o Mestrado.

E assim nos chama, agora, a um mundo renovado
Opnde o serviço impera e o amor é o nosso norte.
Mas Deus, és bom, teu ser inteiro é bom.
[O NOVO CANTO DA TERRA, 68, NOVA CANÇÃO, p. 65]

Outro cântico apresenta uma novidade acrescentando o corpo como parte da criação divina, motivo de gratidão e louvor. O corpo é espaço de mal e pecado, mas também, local de benção, alegria e prazer; os sofrimentos devem ser combatidos com o Evangelho:

Tu nos deste este corpo que é teu templo,
Não queremos destruí-lo;
É tão bom senti-lo livre assim,
Sem amarras e mazelas,
Tu nos deste este corpo como exemplo
De harmonia e beleza [...]
Tu nos deste este corpo para a vida,
Não o queremos para a morte,
Mas a fome e a desnutrição
o reduzem à miséria.
Tu nos deste este corpo para a glória
E a perfeita plenitude;
Não permita que ele seja
Negação da humanidade
Mas que em Cristo restaurado
Nos revele a tua imagem.
[O NOVO CANTO DA TERRA, 187]

Vemos, assim, que não são apenas os mais antigos hinos que são importantes na apresentação de Deus criador e presente na criação. Há hinos mais novos em hinários usados ainda hoje que abordam o tema. Mesmo os cânticos dos quais falaremos abaixo, também encontraremos esse tema. Porém, cada vez o assunto aparece menos.

Algumas considerações sobre música e culto

Ao analisar as cerimônias cúllicas de determinado povo, Durkheim diz que aqueles rituais “colocam em evidência um importante elemento da religião: o elemento recreativo e estético” (DURKHEIM, 1989, p. 452). Destaca-se esse ponto, pois o caráter recreativo e os aspectos estéticos estão absolutamente ligados à cultura na qual a religião é praticada. A música é parte constitutiva e essencial nesse conjunto. Portanto, não podemos deixar de olhar para a mudança na hinologia, sem olhar para aspectos da cultura e do mercado musical brasileiro, mesmo com apenas dados gerais, já que não é o caso de aprofundar-se nesse quesito.

A metade do século XX trouxe muitas mudanças na cultura do mundo ocidental. Um movimento em busca de democratizar a arte e torná-la contemporânea fez surgir o chamado *pop*, termo gestado por Lawrence Alloney em 1954 (ANAZ, 2006, p. 21). Com

esse esforço por uma cultura mais abrangente, contemporânea e democrática surgiu a *indústria cultural*, que tornaria a arte um produto de consumo massificado, mais do que um produto estético de contemplação. Dentro desse arcabouço há a canção *pop*, definida por Silvio Anaz como uma “versão adocicada do rock’n’roll” para adolescentes a partir dos anos sessenta (ANAZ, 2006, p. 28). Esse autor conceitua a canção *pop* como uma “composição musical-literária, destinada ao consumo de massa, que explora a redundância sonora e o pulso rítmico e usa refrões e melodias de fácil memorização” (ANAZ, 2006, p. 31). As denominações evangélicas como parte da sociedade, não estiveram imunes a essas mudanças, não só tendo entre os membros consumidores desse novo produto cultural no que poderia ser chamado de mundo secular, mas também, recebendo dentro de seu culto tal influência. Voltando a uma citação do início deste texto, quando Alves afirma que o gênero “satisfação é ter a Cristo” impregnou a juventude das denominações do protestantismo brasileiro, podemos ver essas características da letra de memorização rápida e fácil, tomando como exemplo o cântico a que aquele autor faz referência:

Satisfação é ter a Cristo, não há melhor prazer já visto,
 Sou de Jesus e agora eu sinto satisfação sem fim.
 Satisfação é nova vida, eu com Jesus em alegria,
 Sempre cantando a melodia, satisfação sem fim
 Sim, paz real. Sim, gozo na aflição.
 Achei o segredo: é Cristo no coração.
 Satisfação é não ter medo,
 Pois meu Jesus, virá bem cedo
 Logo, então, eu hei de vê-lo
 Satisfação sem fim.

Deve-se apontar que a letra e a música desse cântico refletem o mundo protestante avivalista e fundamentalista dos Estados Unidos da América. A música foi “composta por Ira R. Stanphill (1914-1994), músico norte-americano que se notabilizou por acompanhar pregadores dos movimentos avivalistas” (CAMARGO, 2015, sem página). A letra é uma tradução bastante livre, para se adaptar bem ao idioma, da canção *Happiness is to know the Savior*. No Brasil, o cântico foi apresentado e popularizado pelo grupo *Vencedores por Cristo*, fundado por um missionário norte-americano na segunda metade dos anos sessenta do século vinte, com o objetivo de atrair jovens para a Igreja, tendo sido provavelmente o mais influente grupo musical no Brasil na segunda metade do século XX. Gravou muitas versões de músicas norte-americanas, mas depois começou a gravar canções de brasileiros, inclusive se aventurando com músicas de ritmos marcadamente nacionais, o que gerou grandes alegrias e grandes confrontos. É importante notar que esse conjunto musical formava equipes que viajavam pelo país cantando e pregando, motivando a juventude evangélica e levando muitos jovens às igrejas. Flávia Medeiros (2014, p. 61) apresentou dissertação sobre este grupo, comparando-o com o grupo *Diante do Trono*, dos anos 2000, atestando a importância do conjunto musical. Medeiros diz que a música foi gravada no segundo compacto, em 1969.

Como se vê, a letra é muito mais singela do que os hinos anteriormente citados. A melodia, também simples, faz com que as duas partes da canção, letra e música, sejam facilmente entendidas e memorizadas. Avançando em seu estudo, Anaz (2006, p. 33–39) mostra que o *pop* se consolidou nos anos oitenta do século XX como estética e como grande negócio por três fatores: o videoclipe, pelo qual a música é apresentada com uma nova linguagem; o videocassete, depois, o *cd* e a consolidação da diversidade e fragmentação de gêneros musicais. Tudo isto pode ser também percebido no Brasil, especialmente em um período de grandes mudanças sociais e políticas, como foram os anos oitenta, o que facilitou a ampliação e consolidação de uma indústria cultural do gênero *pop* no país. O autor enfatiza a repetição e a escuta linear da canção *pop* e diz que “a ação física do som da música *pop* vai além dos ouvidos de um apreciador e atinge também o corpo, que por meio da dança expressa sua liberdade e sua interpretação da música” (ANAZ, 2006, p. 68). E conclui: “o protagonista da canção *pop* brasileira dos anos 80 é predominantemente um sujeito que busca o prazer imediato, tem uma postura crítica e procura agir para transformar as situações [...] busca a primazia do aqui e agora tanto em seu hedonismo quanto em sua crítica” (ANAZ, 2006, p. 134).

Na igreja evangélica brasileira, houve uma mudança na música indicativa da mudança social que ocorria e isto vale também para a música. Jaqueline Dolghe e Breno Campos (2010) apontam essas mudanças dizendo que os novos cânticos estão “associados às novas tendências da religiosidade neopentecostal” quando surge “um novo produto musical evangélico: a música gospel” que integra muitos “estilos musicais, tanto nacionais como internacionais, mas que se distingue principalmente pela sua característica de mudança comportamental em relação aos antigos cânticos”. Esses autores ainda afirmam que

A liberdade estilística e de aproximação com o modelo de bandas seculares (não religiosas) é visível, possibilitando uma apropriação de elementos culturais e conferindo certo status social ao grupo de produtores e consumidores, os evangélicos do país. O nome gospel foi uma eficiente estratégia de *marketing* para dar visibilidade à religiosidade evangélica, bem como ao seu próprio produto. As igrejas evangélicas que mais colaboraram para a mudança do “cântico evangélico” para a “música gospel” foram as neopentecostais, mas não é possível afirmar que elas tenham, sozinhas, feito tal proeza. De qualquer modo a música gospel trouxe consigo uma característica intrínseca: a sua condição mercadológica. Ela se expandiu por todo o território nacional por meio de um mercado específico desse bem religioso. (DOLGHIE; CAMPOS, 2010)

Outro autor afirma que

ao adotar novas estratégias proselitistas e, sobretudo, ao inserir-se em inusitados e inesperados espaços sociais – em detrimento de seu progresso sectarismo –, tais como a mídia eletrônica e a política partidária, teve de se acomodar às pressões, regras e exigências dessas instituições midiáticas e políticas; ao optar pelo *marketing*, viu-se constrangido a adaptar seus cultos, crenças e práticas religiosos às demandas, sempre diversificadas, de indivíduos interessados na

solução mágico-religiosa de seus problemas cotidianos. Com isso, eles vêm se tornando cada vez mais indistintos da cultura e sociedade envolventes. (JUNGBLUT, 2007, p 145)

Anaz (2006, p. 21) informa que o termo *pop* foi utilizado “para designar os produtos da cultura popular do Ocidente, principalmente da norte-americana” e que progrediu com a “explosão do consumo na sociedade norte-americana do pós-guerra”. É também nos Estados Unidos da América que temos o nascedouro desse tipo de música evangélica e de lá as igrejas brasileiras adotaram o modelo, seja no estilo, seja nos conceitos teológicos e ideológicos. Naquele país, há as expressões *Contemporary Christian Music* e *Contemporary Worship Music*, além de infindas discussões sobre o tema. Essas duas expressões são títulos de livros escritos no bojo das disputas em torno do tema. John Frame afirma que a adoração contemporânea cristã “designa um movimento particular na música cristã que se originou na Califórnia nos anos 1960” e “tendem a refletir o estilo popular como o *soft-rock*”. (FRAME, 1997, p. 5). Assim como no período da Reforma Protestante, um novo tempo para a Igreja fez surgir uma nova música, assim ocorreu no século XX, pensa o autor norte-americano. As principais diferenças entre essa nova canção e os hinos tradicionais são: mais contemporâneos e populares, tanto literária como musicalmente; menor número de estrofes; textos mais simples que os hinos tradicionais; mais ênfase no louvor do que em outros temas (FRAME, 1997, p. 8). Apesar desse autor citado falar de dentro do mundo evangélico norte-americano, ele reconhece que nessa música “há influência da cultura secular moderna” (FRAME, 1997, p. 46), isto é, um grupo religioso não está totalmente fechado para os efeitos do que ocorre à sua volta, como as diversas áreas das ciências humanas já têm afirmado. Mais adiante no livro, Frame (1997, p. 126–127) faz críticas à música contemporânea de adoração diagnosticando os problemas em seu ponto de vista: falta de qualidade do texto e da música; falta de maior amplitude doutrinária; falta de melhor compreensão sobre a música no culto. As faltas de qualidade e de amplitude do campo doutrinário estão bem caracterizadas na música brasileira. E, como procuramos afirmar, a doutrina da criação está ausente dessa nova música, o que tem sido percebido também em outros ambientes, como no protestantismo dos Estados Unidos da América.

Outro norte-americano (CLOUD, 1998) de postura bastante conservadora faz críticas severas à música cristã contemporânea, pois ela estaria identificada com uma filosofia não bíblica, ritmos sensuais, ecumenismo, grupos carismáticos, sendo fracas na mensagem e mundanas. Não se quer aqui trazer a polêmica do norte, mas apenas identificar que são questões candentes na América do Norte e que, de qualquer modo, apontam para o que também procuramos identificar neste artigo. Há uma fragilidade teológica e, com isso, o tema da natureza deixou de se apresentar na nova música, coisa com a qual os autores norte-americanos citados não estavam interessados, obviamente.

Uma das explicações para a modernidade e seu apelo ao consumo é o hedonismo. “O hedonismo moderno possibilita que o prazer seja encontrado em situações variadas.

Isso quer dizer que o produto consumido não tem em si mesmo potencialidade para gerar prazer. O que tem potencialidade é a emoção introjetada pelo sujeito, a emoção controlada e direcionada” [ZIROLOD, CAMPOS, 2010]. A nova música das igrejas evangélicas está clara e perfeitamente identificada com esse padrão, pois está ligada ao prazer de cantar, dançar, mesmo que em nome de Deus, de sentir-se bem com o culto, mais do que entoar mensagens doutrinárias. Essa música foi o gênero que tomou boa parte do espaço do culto nas igrejas protestantes brasileiras.

Ao analisar letras *pop* brasileiras mais conhecidas dos anos oitenta, Anaz demonstra a postura crítica de boa parte delas, apontando os erros da sociedade e do sistema capitalista. Este aspecto também esteve presente em canções evangélicas dos anos sessenta e setenta do século XX, mas desapareceu dando lugar apenas ao prazer imediato e hedonismo. Um exemplo de canção engajada dos anos sessenta é a composição de João Dias de Araújo, atuante na Conferência do Nordeste, reconhecida por ser, como diz Raimundo Barreto, o “clímax de um processo experimentado pela maioria dos setores progressistas do protestantismo brasileiro no século vinte. [...] O momento mais profundo das reflexões e trabalho sobre as questões a respeito do compromisso social das igrejas evangélicas” (BARRETO, 2010, p. 310):

Que estou fazendo se sou cristão,
Se Cristo deu-me o seu perdão?
Há muitos pobres sem lar, sem pão,
Há muitas vidas sem salvação.

Mas Cristo veio pra nos remir,
O homem todo, sem dividir:
Não só a alma do mal salvar,
Também o corpo ressuscitar.
Há muita fome no meu país,
Há tanta gente que é infeliz,
Há criancinhas que vão morrer,
Há tantos velhos a padecer.
Milhões não sabem como escrever,
Milhões de pobres não sabem ler:
Nas trevas vivem sem perceber
Que são escravos de um outro ser.
Que estou fazendo se sou cristão,
Se Cristo deu-me o seu perdão?
Há muitos pobres sem lar, sem pão,
Há muitas vidas sem salvação.
Aos poderosos eu vou pregar,
Aos homens ricos vou proclamar
Que a injustiça é contra Deus
E a vil miséria insulta os céus.
(NOVA CANÇÃO, p. 113; O NOVO CANTO DA TERRA, 160)

Esse tipo de conteúdo não está mais presente nas canções do gênero *pop* que passaram a integrar a nova hinologia de parte do protestantismo brasileiro. Certamente, não ocorreu o desaparecimento completo de temas acerca do compromisso social,

presentes em grupos menores, principalmente, os ecumênicos. Agora o que se canta na maioria das igrejas evangélicas é a satisfação e o prazer de estar com Deus e tê-lo atendendo os desejos do coração, sejam esses desejos mais espirituais ou mais materiais, como se proclama na Teologia da Prosperidade. Nessa nova hinologia, também se excluiu o tema da natureza, embora as sociedades mundiais estejam cada vez mais atentas para isso. Essa doutrina é das mais importantes no arcabouço teológico desde os primeiros séculos do cristianismo. Na teologia cristã, a natureza deveria ser alvo não só da admiração pela grandeza do que Deus fez, mas também do cuidado que o Criador quer que se tenha com sua obra. Como afirmado acima, enquanto as diversas sociedades do mundo se voltam para um olhar mais atento para a natureza e se preocupam em cuidar adequadamente dela para melhorar a própria vida humana, entre os evangélicos brasileiros, o tema sai da pauta, ao menos na música cantada pelos fiéis.

Considerações sobre os cânticos evangélicos contemporâneos

O *Boletim Teológico* da FTL pretendia apresentar uma reflexão teológica contextualizada, nascida e desenvolvida na América Latina, feita por latino-americanos. “A lacuna da reflexão teológica entre nós é gritante. Basta olharmos para a biblioteca de qualquer seminário ou pastor para chegarmos a esta conclusão: quase todos os livros serão traduzidos ou em outro idioma” (BOLETIM TEOLÓGICO, 1983, p. 7), diz o primeiro editorial do *Boletim*. A edição 28, de 1995, foi dedicada exclusivamente à teologia do culto. Robinson Cavalcanti (1995, p. 7–16), um dos principais líderes da FTL, propôs uma tipologia para o culto evangélico no Brasil: o culto no livro, das igrejas de imigração; o culto do livro, das igrejas de origem missionária; o culto das emoções, no qual “a fé, mais que entendida, é sentida” (CAVALCANTI, 1995, p. 10); o culto espetáculo, para um jovem da classe média, em que “apela-se para a paz interior, de uma burguesia reconciliada com Deus e com sua própria classe” (CAVALCANTI, 1995, p. 11); o culto espetacular, “expressão litúrgica da religião de resultados” (CAVALCANTI, 1995, p. 12), voltado para os empobrecidos. Nota-se, assim, que há, já há algumas décadas, preocupação com as liturgias desenvolvidas no Brasil. Os cânticos são parte essencial nessa constatação de Cavalcanti. A mudança que analisamos aqui estão plenamente inseridas nas tipologias das emoções, espetáculo e espetacular.

Texto mais antigo do *Boletim Teológico* e que trata especificamente da música faz uma tipologia interessante do que se cantava no início dos anos 1990. Trata-se do texto “Reflexões sobre a ‘corinhologia’ brasileira atual”, de Eber Ferreira Silveira Lima. O autor propõe uma tipologia que auxilia no entendimento do que se discute aqui. Inicialmente, lembra que desde a Reforma Protestante há o apelo à popularização do cântico “com o objetivo explícito de aumentar-lhe a comunicabilidade” (LIMA, 1991, p. 54). Avalia que “sendo fruto de uma teologia fundamentalista e de uma noção intimista de evangelho, tais corinhos, falam de salvação individual, piedade pessoal e esperança para o porvir, não

dando importância a questões contextuais” (LIMA, 1991, p. 55). A partir de certo momento, uma nova tendência surge na música evangélica brasileira:

Em 1975, Vencedores por Cristo gravaram um LP, intitulado “Louvor I”. Era o resultado de uma tendência na corinhologia brasileira: o cântico de cunho doxológico, de exaltação a Deus, face ao grande número de corinhos sobre trabalho, evangelização, alegria, testemunho, leitura da Bíblia e oração. Tal influência também veio dos Estados Unidos (LIMA, 1991, p. 56).

Paralela a essa tendência, outra surge no cenário que é o estabelecimento de uma espécie característica litúrgica peculiar, com os grupos de louvor e um espaço permanente, inserido na programação do culto, dentro da liturgia, porém muitas vezes deslocado desta. Diz Lima: “Hoje em dia, quase todas as comunidades locais têm o seu período de ‘louvor’ nos cultos. A corinhologia brasileira atual é, em sua maior parte, o patrimônio musical das comunidades carismáticas, aceito e cantado por jovens das mais variadas igrejas evangélicas” (LIMA, 1991, p. 57). E aqui encontramos uma afirmação fundamental para este estudo: as músicas são de circulação interdenominacional. Se os compositores são, em geral de comunidades carismáticas, pentecostais e neopentecostais, o uso é disseminado por todos os grupos evangélicos no país. Lima indica três dos principais compositores desses cânticos Asaph Borba, Adhemar G. de Campos e Benedito Carlos, cujos nomes, de fato, aparecerão entre os cânticos escolhidos para esta análise. As escolhas não foram pela autoria, mas a maioria foi buscada entre os mais cantados. O autor apresenta a seguinte tipologia: “Três temas são principais entre os cânticos em questão. Vamos chamá-los de cânticos do monopólio do Espírito, cânticos da guerra santa e cânticos do andar de cima” (LIMA, 1991, p. 58). O primeiro é de uma teologia individualista de um deus pessoal, sem maiores consequências para fora de si. O segundo é claro no título. O terceiro fala de Deus no céu, exalta, no entanto,

tem sido um louvor a-histórico e até anti-histórico [...] o trono, os anjos, os louvores, a coroa, elementos sempre presentes nessas letras, são a exata dimensão do local onde as cenas se desenvolvem: o céu. Por conseguinte, temos canções que transportam os adoradores para o céu, para o andar de cima, e é evidente que as mesmas favorecerão o êxtase e o emocionalismo (LIMA, 1991, p. 60 - 61).

Todos se enquadram na tipologia de Mendonça, do protestantismo pietista e guerreiro, desencarnado da vida material. Neste sentido, explica-se a ausência do tema natureza. Olha-se para a vida interior, espiritual. Olha-se para a batalha entre fé e o mundo maligno que se desenrola, antes de tudo, no mundo espiritual. Olha-se para um Deus transcendente, no céu, que vem até o ser humano, no seu coração, e capaz de intervir em situações pessoais, como solução de enfermidades, emprego e problemas familiares. Não há espaço para outros temas da tradição teológica cristã. Não há espaço para pensar na natureza como criação e espaço privilegiado da presença divina.

Os cânticos que falam da grandeza de Deus tratam de uma grandeza absolutamente transcendente, não percebida por nada do que é visível. Vejamos alguns exemplos. No primeiro, fala-se de um Deus supremo e glorioso e quando cita a criação é só para dizer que não há nela nenhum Deus. No segundo exemplo, temos um Deus que reina e deve ser louvado pela terra e pelo céu, mas finaliza lembrando que seu *locus* por excelência é o próprio céu, pois ele é “o rei exaltado nos céus”, expressão que se repete ao início e ao fim do cântico. Isto é, a natureza está presente, mas o crente não vê mais Deus nela, como se via anteriormente. A imensidão dos céus é onde Deus se manifesta, não mais a natureza tão próxima do ser humano.

Deus supremo és,
Soberano em glória
És incomparável
Em sua majestade
És incomparável
Em sua formosura
Não há outro Deus como Jeová
Não há outro Deus além do Senhor
Não há no céu, não há na terra
Não há no mar, Deus como o Senhor.

Esses cânticos que caem no uso geral e comum das igrejas evangélicas são de difícil localização de autoria e data de composição. Em partitura disponível no site de uma Igreja Batista, consta “autor desconhecido”.⁸ No entanto, em outro site da *Comunidade Carisma*, consta como autor Benedito Carlos Gomes. A se crer nessa informação seria, ao que tudo indica, o Bispo Benedito Carlos Gomes, o *Bene Gomes*, da *Igreja Sara Nossa Terra*.⁹ O site www.letras.com.br dá 187 cifras de músicas do Ministério Koinonia de Louvor, fundando pelo pastor e não consta essa letra.¹⁰

Ele é exaltado,
O rei exaltado nos céus,
Eu o louvarei.
Ele é exaltado,
Pra sempre exaltado
Seu nome louvarei
Ele é o Senhor,
Sua verdade vai sempre reinar.
Terra e céu glorificam
Seu santo nome.
Ele é exaltado,
O rei exaltado nos céus.

⁸<<http://www.ibcatuai.com.br/partituras/Deus%20Supremo%20%C3%89s%20-%20melodia.pdf>>.
Acesso 29/8/2015.

⁹<http://carisma.com.br/portal/musica/downloads/Deus%20supremo%20cifra_4138.pdf>.
Acesso 29/8/2015.

¹⁰<http://www.letras.com.br/#!ministerio-koinonya-de-louvor>. Acesso em 29/8/2015.

O cântico é de autoria de Adhemar de Campos, pastor da *Comunidade da Graça*, foi lançado no CD *Comunhão e Adoração 6*, em 2007,¹¹ conforme o site do próprio autor.

Grande quantidade do que se canta poderia ser chamado de *cânticos intimistas*. São cânticos que refletem a herança pietista do protestantismo brasileiro. Falam da comunhão com o sagrado, do encontro com o divino nos momentos do culto, da oração pessoal, das preces candentes de uma alma que anseia por encontrar o Deus consolador. Certamente, isso está presente em outras religiosidades no decorrer do tempo e do espaço mundiais, não sendo peculiar ao cristianismo e tem sido manifestações religiosas importantes em todos os lugares. O que se quer destacar é que outros aspectos da religiosidade, como a percepção da natureza como espaço da manifestação divina perderam seu lugar no que se canta atualmente. Paulo Figueiró, pastor da *Igreja Evangélica Encontros de Fé*, em Novo Hamburgo – RS, é o autor do cântico a seguir, conforme o site da denominação e o site letras.mus.br.¹²

Bem cedo eu te buscarei
De madrugada eu me achegarei a ti
Minh'alma te anela e quer senhor
Ver a tua glória e teu poder
Meu socorro és, Senhor
E na sombra de tuas asas
Eu descansarei
Minh'alma está apegada a ti
Por que tua destra me tem sustentado
Oh! Tua destra me tem sustentado

No cântico a seguir, há a declaração de que tudo foi criado por Deus, sem, no entanto, uma formalização doutrinária sobre a criação como local da manifestação divina, inferindo-se pelo verso “nós também para o teu louvor”, que a natureza louva o criador. No entanto, é a intimidade com Deus, sem abalos internos, a segurança do crente que sabe da presença divina em sua vida, que é a mensagem principal:

Não existe nada melhor
Do que estar diante de Deus
Pode o mundo se abalar,
Seguro estou em ti,
Seguro estou em ti
Tudo foi criado por ti,
Nós também para o teu louvor
Quero sempre te exaltar,
Pois és fiel a mim
Pois tu és fiel a mim

¹¹ <<http://www.adhemardecampos.com.br>> Acesso em 29/8/2015.

¹² <<http://www.encontrosdefe.com.br/o-ministerio.aspx>> e <http://letras.mus.br/paulo-figueiro/1654473/>
Acesso em 29/8/2015.

O título do cântico acima é *Compromisso* e é composição de Marcos Góes, gravado em 1998 como parte do CD *A Vigília*, conforme o site do próprio cantor. Sua página informa ser ele pastor, sem dizer a que denominação pertence, embora informe que “encontrou Jesus, quando foi convidado por sua prima Gláucia para ir a uma E.B.F. [Escola Bíblica de Férias] na Igreja Evangélica Congregacional”,¹³ uma denominação do protestantismo histórico.

Há um conjunto grande de cânticos do tipo *protestantismo guerreiro*. Falam de guerras, batalhas, exército e marcha dos soldados de Cristo, o general. Mendonça apresenta a hipótese “de que tais cânticos representam um princípio de euforia das denominações protestantes no Brasil, num momento em que elas começam a sentir os resultados de seu próprio progresso” (MENDONÇA, 1984, p. 244). O crescimento numérico do final do século XIX, a república laica, estimulavam os protestantes a lutarem contra os inimigos. Quando o protestantismo se tornou mais visível na sociedade brasileira, na segunda metade do século XX, a expectativa de que a vitória estava perto, que o país teria seus males debelados por conta da presença dos evangélicos, incentivou a marca guerreira de um grupo pronto a tomar a nação. Os dois exemplos a seguir ilustram o caso, mas continuando a citar Mendonça (1984, p. 245), “o que torna válida a ideia do protestantismo guerreiro é o favoritismo dos cânticos pelos protestantes e não a sua presença quantitativa”. Isso pode muito bem ser confirmado por todos que tiveram contatos com qualquer igreja evangélica e seus cânticos. Os exemplos a seguir, de dois cânticos distintos, estão entre os mais cantados, nas últimas décadas do século XX, o primeiro é atribuído ao Pastor Wilson Santos, segundo sua página web, na qual ele mesmo assim se define: “hoje sou pastor, músico, compositor, profeta, avivalista, muitas músicas que hoje são cantadas nas igrejas Deus me concedeu a graça de compô-las”,¹⁴ citando o cântico abaixo dentre outros:

Caiam por terra agora,
Os inimigos de deus,
Seja estabelecida
A casa do senhor

O cântico abaixo é de um autor já citado, Adhemar de Campos, pastor da *Comunidade da Graça*, tendo aparecido em 1995, no CD *Momentos de Louvor*.¹⁵

Pelo senhor, marchamos sim, o seu exército, poderoso é,
A sua glória será vista em toda terra
Vamos cantar, o canto da vitória
Glória a Deus, vencemos a batalha
Toda arma contra nós perecerá
O nosso general é Cristo, seguimos os seus passos,

¹³ < <http://www.marcosgoes.com/discografia.php?a-vigilia-4-perdoados/tl#tabs-1>> Acesso em 29/8/2015.

¹⁴ Cf. < <http://prwilsonsantos.blogspot.com.br/>> Acesso em 29 de agosto de 2015.

¹⁵ Cf.. <<http://www.adhemardecampos.com.br/>>Acesso em 29/8/2015.

Nenhum inimigo nos resistirá!

As ideias de Deus como criador e da natureza que conduz o ser humano a adorar também estão presentes em alguns dos cânticos, poucos entre mais de 140 coletados de uma igreja local. Os cânticos desse tipo podem ser exemplificados por um dos mais perenes já cantados pelos evangélicos. Trata-se da música conhecida pelo título da primeira linha em português: *Nas estrelas*. Essa canção é uma tradução de uma composição da Ralph Carmichael no ano de 1964. Esse compositor chega a ser considerado por alguns como o fundador do que se chama nos Estados Unidos da América de *Contemporary Christian Music*. A canção foi gravada e popularizada pelo grupo *Vencedores por Cristo*, lançada no primeiro LP do grupo, em 1971. As estrelas são um indicador da mão divina, porém, com objetivo maior de levar o ser humano à intimidade com Deus, não sendo a natureza propriamente espaço da presença divina:

Nas estrelas vejo a sua mão
 E no vento ouço a sua voz
 Deus domina sobre terra e mar
 O que ele é pra mim
 Eu sei o sentido do Natal
 Pois na história tem o seu lugar
 Cristo veio para nos salvar
 O que ele é pra mim
 Até que um dia seu amor senti
 Sua imensa graça recebi
 Descobri então que Deus não vive
 Longe lá no céu sem se importar comigo
 Mas agora ao meu lado está
 Cada dia sinto o seu cuidar
 Ajudando-me a caminhar
 Tudo ele é pra mim
 Tudo é Jesus pra mim.

Os dois cânticos a seguir são também canções mais antigas e que têm sido deixadas de lado com o passar do tempo, embora entre os cânticos *pop* das igrejas. Apresentam claramente Deus como criador e a natureza como espaço de conhecimento e adoração. O primeiro é uma parte da música *Consagração*, de Aline Barros, composta em 1994, dentro do *Ministério de Louvor da Comunidade Vila da Penha*, recebendo prêmios como uma das músicas mais tocadas nas rádios brasileiras em 1995. Aline Barros teve uma inserção midiática muito grande, especialmente, por vir do mundo evangélico e ter uma carreira musical voltado para o mundo evangélico. Isso facilitou a divulgação de suas músicas que são cantadas em praticamente todo o Brasil e todas as denominações.¹⁶

Celebrarei a ti, oh Deus, com meu viver
 Cantarei e contarei as tuas obras

¹⁶ Cf. < [https://pt.wikipedia.org/wiki/Consagração_\(canção\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Consagração_(canção))> Acesso em 29/8/2015.

Pois por tuas mãos foram criados
Terra, céu e mar e todo ser que neles há
Toda a terra celebra a ti, com cânticos de júbilo
Pois tu és o Deus criador

O próximo é de Asaph Borba, desde 1976, dedicado à música evangélica, tendo composto diversos hinos com muita penetração em todas as igrejas do Brasil. O site *Super Gospel* entrevista o artista e o chama de “o pai do canto congregacional brasileiro”, dada sua importância nesse contexto.¹⁷

Nosso Deus é soberano,
Ele reina antes da fundação do mundo
A terra era sem forma e vazia,
E o espírito do nosso Deus,
Se movia sobre a face das águas
Foi ele quem criou o céu dos céus,
Fez a separação das águas da terra seca
Foi ele quem criou os luminares e criou a natureza,
E formou o homem
Glória a Deus, por suas maravilhas,
Pela sua grandeza, glória a Deus.

Entre os cânticos, aparecem aqueles que ensinam a teologia da prosperidade. Como visto acima, Dolghe e Campos demonstram que o hedonismo faz parte dessa musicalidade. A Teologia da Prosperidade e a Teologia da Confissão Positiva, que não serão aqui analisadas ou avaliadas, têm o aspecto de buscar as bênçãos materiais, que toda a situação humana seja resolvida aqui e agora, nada de aguardar o celeste porvir para desfrutar da alegria perene. Isto deve ser alcançado agora e a manipulação do sagrado através de votos, ofertas e outras práticas pode levar a isso. Os cânticos demonstram bem essa característica, como nos exemplos abaixo:

Declaramos que aqui reina a glória do Senhor
Sua graça é manifesta, está presente o seu amor
Corações se quebrarão, almas vão se levantar
E o espírito de Deus reinará
Profetizamos salvação, total libertação
Quebramos as cadeias no nome de Jesus
Aqui não há lugar pro (sic) mal, aqui reina a luz
Entronizamos Cristo, ele é o nosso rei
Nos rendemos a teus pés, pois sabemos que tu és
Poderoso para transformar o mundo
Nada pode impedir teu espírito de agir
Operando maravilhas, transformando corações

O cântico *Declaramos* é de autoria de Paulo César Baruk, tendo sido gravado em 2009 no CD *Piano e Voz...Amigos e Pertences*. O site *The Christian Post* diz que “Paulo César Baruk é

¹⁷ Cf. <<http://www.asaphborba.com.br/>> ; <<http://www.supergospel.com.br/>> e <<http://letras.mus.br/asaph-borba/172306/>> Acesso em 30/8/2015.

filho de pastores e tomou a decisão de seguir a Jesus aos 19 anos de idade. Ele pertence à Igreja Presbiteriana Redenção e começou a fazer música dentro de sua igreja.”¹⁸ O site oficial do cantor não declara a que denominação pertence.

Reivindicamos a cura
Que há no nome de Jesus
Libertação de opressões
E salvação para quem nele crê
Seja [sic] derramado sobre nós,
A fé, a paz e o amor
E se encha o nosso interior
De hinos de louvor

A estrofe acima é parte do cântico *Entramos neste lugar*, apresentado no CD *Renascer Praise 1*, em 1993. *Renascer Praise* foi fundado por Sônia Hernandes, a esposa de Estevam Hernandes, hoje chamado apóstolo, o fundador, junto com a esposa da *Igreja Apostólica Renascer em Cristo*.¹⁹ O site da denominação diz claramente sua linha teológica no histórico do seu início: “Já como um indício do que seria uma das marcas em nosso ministério – a prosperidade – a pizzaria começou a prosperar.”²⁰ A autoria é da Bispa Sônia Hernandes e está bem caracterizada como um cântico da Teologia da Confissão Positiva, em que se reivindica e se determina a ação divina em favor dos crentes.

Temos procurado demonstrar que os cânticos da chamada música gospel desprezaram tradicionais temas do arcabouço dogmático da fé cristã, mormente a respeito da criação, da natureza como espaço peculiar da presença divina. A bem da verdade, é certo que mesmo nos cânticos dos antigos hinários também havia hinos voltados para a intimidade e a vida religiosa como se separada do resto do mundo. Até a natureza poderia ser vista como algo negativo. Isto é, aspectos de desprezo pela criação estão presentes lá também, como o mostra este hino, bastante cantado no passado, falando da natureza como perigosa para afastar o crente de seu verdadeiro objetivo:

Da linda pátria estou bem longe; cansado estou.
Eu tenho de Jesus saudade, oh, quando é que eu vou?
Passarinhos, belas flores, querem me encantar.
Oh! terrestres esplendores! De longe enxergo lar.
(SALMOS E HINOS, 403; HINÁRIO EVANGÉLICO, 453)

Considerações Finais

¹⁸ Cf. < <http://portugues.christianpost.com/news/paulo-cesar-baruk-sobre-o-grammy-latino-2012-foi-fruto-de-um-ano-de-intercessao-13213/> >

¹⁹ Cf. < <http://www.renascerprouse.com.br/#>> e < [http://letras.mus.br/renascerprouse/160721/](http://letras.mus.br/renascerprouse/160721/>) >

²⁰ < <http://renascermcristo.com.br/renascerprouse/#.VeM7nvIVhHw> > Acesso em 30/8/2015.

Não se desejou fazer aqui qualquer defesa de um tipo de música cantada pelos fiéis em detrimento de outro tipo. As mudanças na sociedade e em qualquer grupo social específico são inevitáveis, sejam consideradas historicamente no tempo de longa duração ou mais curto. Não se quer criticar as mudanças em si, pois elas atendem necessidades específicas do ser humano religioso no seu tempo e no seu espaço peculiares. O que se quer destacar é que essa mudança provocou um abandono de diversos temas da grade tradicional da dogmática do cristianismo. Nesse conjunto, enfatiza-se o tema da natureza. Embora seja um dos mais importantes itens da teologia cristã, destacado desde os primeiros séculos da história dessa religião específica, muitas denominações evangélicas no Brasil deixaram de lado o assunto, indo na contramão dos anseios da sociedade mundial quanto aos problemas ecológicos e ao cuidado da natureza.

Os cânticos são sinais de mudanças que ocorreram nessa parcela do campo religioso brasileiro que são as igrejas protestantes. Houve transformações teológicas e de visão de mundo provocadas por outras mudanças internas e externas ao grupo religioso. O esquecimento do tema da natureza é uma parte das alterações teológicas pelas quais os evangélicos passaram na segunda metade do século XX. O hedonismo da sociedade faz com que novas opções teológicas ganhem espaço, como as teologias da prosperidade e da confissão positiva. Essas, preocupando-se com soluções dos problemas pessoais, aqui e agora, não dão espaço para preocupações doutrinárias como a doutrina da criação divina e suas consequências para o mundo, pois as soluções imediatas dos problemas da vida são mais importantes.

Haverá ainda possibilidade de que os protestantes voltem a tratar e cantar outros temas da teologia, especialmente os ligados à natureza? Se a resposta for positiva, esse grupo poderá participar e contribuir para a discussão acerca da Terra e o cuidado que o ser humano deveria ter com ela.

Referências bibliográficas

ALVES, Carlos Alberto Rodrigues. Arabescos sobre a música evangélica contemporânea ou evangelho segundo um cântico novo-ma-nom-troppo. Reflexões no caminho. Campinas: *Centro Evangélico Brasileiro de Estudos Pastorais*, n. 8, 1997.

ANAZ, Silvio. *Pop brasileiro dos anos 80: uma visão semiótica da poética das canções mais cultuadas*. São Paulo: Mackenzie, 2006.

BARRETO JUNIOR, Raimundo C. O Movimento Ecumênico e o Surgimento da Responsabilidade Social no Protestantismo Brasileiro. In: *Numen: Revista de estudos e pesquisa da religião*, Juiz de Fora, v. 13, n. 21, p. 273-323, 2010. Universidade Federal de Juiz de Fora. Disponível em <<http://numen.ufjf.emnuvens.com.br/numen/issue/view/121/showToc>>.

BERGER, Peter L. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1985.

BOLETIM TEOLÓGICO. Fraternidade Teológica Latino-Americana. São Leopoldo, outubro a dezembro, 1983.

BRAGA, Henriqueta Rosa Fernandes. *Salmos e Hinos: sua origem e desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Igreja Evangélica Fluminense, 1983.

BUYERS, Nora. *NOVA CANÇÃO*. 2. ed. Campinas: CEBEP; São Bernardo do Campo: CAVE, 1987.

CALVINO, João. *A instituição da religião cristã*. Tomo I. Trad. Carlos Eduardo Oliveira et al. São Paulo: Editoria UNESP, 2008.

CAMARGO, Jorge. *De Vento em Popa - Fé Cristã e Mpb – II*. Disponível em: <<http://www.seradorador.com.br/index.php?pag=artigos&tacao=Ler&id=24>>. Acesso em: 28 ago. 2015.

CAMPOS, Breno Martins; DOLGHIE, Jacqueline Ziroldo. Sacerdócio, Mercadoria e Espetáculo: Uma perspectiva teórica do consumo de música evangélica no Brasil. In: *Revista Pandora Brasil*. São Paulo, n. 25, dez. 2010. Disponível em: <http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/religiao/texto> Acesso em: 3 mar. 2015.

CANTAI TODOS OS POVOS. 2. ed. São Paulo: Editora Pendão Real, 2006.

CARDOSO, Douglas Nassif. *Convertendo através da música*. São Bernardo do Campo: Edição do Autor, 2005.

CLOUD, David W. *Contemporary Christian Music Under the Spotlight*. Oak Harbor (WA): Way of Life Literature, 1998.

DURKHEIM, Émile. *Formas elementares de vida religiosa*. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FRAME, John M. *Contemporary worship music*. New Jersey: P&R Publishing, 1997.

HAHN, Carl Joseph. *História do Culto protestante no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1989.

HINÁRIO EVANGÉLICO. 17. ed. São Paulo: Imprensa Metodista, 1997.

HINÁRIO PARA O CULTO CRISTÃO. Santo André, SP: Imprensa Bíblica Brasileira; Geográfica Editora, 2011.

JUNGBLUT, Airton Luiz. A salvação pelo *Rock*: sobre a "cena *underground*" dos jovens evangélicos no Brasil. In: *Religião & Sociedade*. Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, dezembro, 2007. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0100-85872007000200007>>. Acesso em: 03 mar. 2015.

LIMA, Éber Ferreira Silveira. Reflexões sobre a "corinhologia" brasileira atual. In: *Boletim Teológico*, Porto Alegre, Fraternidade Teológica, ano 5, n.14, p. 53–64, março de 1991.

MARASCHIN, Jaci (ed). *O Novo Canto da Terra*. São Paulo, IAET, 1987.

MEDEIROS, Flávia. *Música, Igreja e juventude: um estudo comparativo dos Vencedores por Cristo [anos 1970] e Ministério de Louvor Diante do Trono [anos 2000]*. Dissertação. São Bernardo do Campo: UESP, 2014.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Edições Paulinas, 1984.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MONTEIRO, Simei de Barros. *O cântico da vida: análise de conceitos fundamentais expressos nos cânticos das igrejas evangélicas do Brasil*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião, IMS, 1990. São Bernardo do Campo: ASTE/Ciências da Religião, 1991, 184 p.

SALMOS E HINOS. Rio de Janeiro: Igreja Evangélica Fluminense, 1975.

SEMEANDO A VIDA. Disponível em: <http://www.semeandovida.org/2011/08/hino-10-criacao-e-seu-criador_30.html>. Acesso em: 28 ago. 2015.

STEUERNAGEL, Valdir. Criação: uma agenda atual. In: *Boletim Teológico*. São Leopoldo, ano 1, n. 2, p. 8–29, janeiro a abril, 1984.